

# Oralidade e poder hierárquico nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho: entre o direito sagrado de fala e o dever de escuta atenta

*Orality and hierarchical power in Batuque Gaucho organizations/terreiros: between the sacred right to speak and the duty of attentive listening*

## SÉRGIO GABRIEL FAJARDO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutorando em Comunicação (UFRGS) e bolsista CAPES. Mestre em Comunicação (UFRGS). Relações-Públicas (FEEVALE). Pesquisador membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder (GCCOP/UFRGS). E-mail: sfajardopoa@hotmail.com.

## RUDIMAR BALDISSERA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutor em Comunicação Social. Mestre em Comunicação/Semiótica. Professor e pesquisador na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista produtividade do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder (GCCOP) da UFRGS. E-mail: rudimar.badiserra@ufrgs.br.

## RESUMO

O artigo debate a intensificação de uma cultura de especulação sobre artistas musicais nas redes sociais digitais como traço fundamental do consumo da música pop. Aponta para a noção de capital especulativo como um ativo sobre o qual artistas musicais se movem no mercado musical e do entretenimento a partir do agenciamento de um regime performático autorreferente e codificado nas práticas de fãs. Evidencia que videocliques seriam territorialidades dramáticas em que performances audiovisuais em rede conectam estratégias mercadológicas e de consumo cultural, apontando para rasuras ficcionais que colocam em cena dramas sociais na cultura pop. Postula-se que as metodologias de Estudos de Performance são fundamentais para enquadramentos analíticos e clivagens conceituais.

**Palavras-chave:** música pop; capital especulativo; performance; consumo.

## ABSTRACT

The article discusses the intensification of a culture of speculation about musical artists on digital social networks as a fundamental trait of pop music consumption. It points to the notion of speculative capital as an asset on which musical artists move in the music and entertainment market from the agency of a self-referential performance regime codified in the practices of fans. It shows that music videos are dramatic territorialities in which audiovisual network performances connect marketing strategies and cultural consumption, pointing to fictional erasures that put on the scene social dramas in pop culture. It is postulated that Performance Studies methodologies are fundamental for analytical frameworks and conceptual cleavages.

**Keywords:** pop music; speculative capital; performance; consumption.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho, assim como em diversas outras expressões afro-religiosas e tradicionais, dentre outras coisas, a oralidade é fundamental como processo para a manifestação do sagrado, o compartilhamento de significação e a tessitura cultural, a constituição da memória, a instituição e a legitimação de hierarquias. Essa centralidade pode ser atestada, por exemplo, pelo fato de existirem poucos registros e aportes em recursos outros, como documentos escritos e/ou audiovisuais, conforme aponta a literatura disponível sobre o Batuque Gaúcho, demonstrando que essa matriz cultural privilegia a comunicação oral.

Atento a essas questões, Corrêa (2016) afirma que, por razões culturais e fecundas de uma comunicação fundamentalmente oral, as significações basilares postas em circulação nas interações entre os batuqueiros sofrem constantes acréscimos, metamorfoseando-se em outros sentidos; assim como Exu, divindade da boca que tudo come e um dos senhores da comunicação, que veste a carapuça que melhor lhe convier, atuando por meio de peraltices, vadiagens, contradições, estripulias e traquinagens. Então, como é próprio desse processo comunicacional, as nuances da oralidade geram perturbações na cultura batuqueira, o que, por um lado, se traduz em fertilidade regeneradora e, por outro, provoca estranhamentos e disputas no âmbito da hierarquia organizacional dos terreiros e da comunidade batuqueira.

É nesse contexto de transformações de carga simbólica, de descompassos e de disputas que este estudo se insere. Considerando a complexidade da oralidade no âmbito do comunicacional batuqueiro, nosso principal objetivo é o de problematizar a oralidade nos processos de instituição de poder hierárquico nessas organizações/terreiros. Para isso, além de revisão de literatura, acionamos dados empíricos (coletados através de entrevistas) de pesquisa realizada por Silva Neto (2022).

Para refletirmos sobre os processos orais do comunicacional batuqueiro, ressaltamos, desde aqui, que compreendemos a comunicação como “processo de construção e disputa de sentido” (BALDISSERA, 2004, p. 128). Sob essa concepção, que evidencia a complexidade nos processos comunicacionais, nos interessamos pelos significados, construídos e disputados, nos/pelos processos comunicacionais que (re)estruturam relações de poder nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho, e pelos seus possíveis espelhamentos e impactos na comunidade batuqueira.

## O BATUQUE GAÚCHO

O Batuque Gaúcho é uma tradição de matriz africana (SILVEIRA, 2020) expressivamente presente no Rio Grande do Sul e que mantém forte carga simbólica fiel às heranças africanas originais (CORRÊA, 2016). Sobre sua estruturação, Corrêa (2016, p. 61) afirma que essa afro-religião “não possui corpo teórico-filosófico expresso formalmente, não há bibliografia que sirva de orientação”. Apesar da incerteza dos dados disponíveis, há indícios de que suas primeiras organizações/terreiros no Rio Grande do Sul foram fundadas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, na primeira metade do século XIX (CORRÊA, 2016; ORO, 1988; dentre outros).

Como uma tradição/afro-religião, o Batuque Gaúcho constitui-se como amálgama de diferentes nações/lados: “grupos tribais africanos aos quais o filiado atribui sua origem étnica. Cada lado corresponde, teoricamente, a formas rituais diversas” (CORRÊA, 2016, p. 50). Atualmente, com diferentes proporções, são cultuadas as nações de Jêje, Nagô, Oyó, Cabinda e Ijexá, e há conjugações, como é o caso dos terreiros de Jêje-Nagô, Jêje-Ijexá etc.

Ampliando essa questão, destacamos que Tadvald (2016) caracteriza, dentre outras coisas, o Batuque Gaúcho como uma expressão afro-religiosa universal, visto que suas organizações/terreiros são conformadas por pessoas negras, não-negras, batuqueiras, não-batuqueiras (clientes e/ou frequentadores não iniciados), LGBTI+, dentre outras maneiras de ser e estar no mundo, com possibilidades de atingirem os mais altos postos hierárquicos. Especialmente sobre a ampla iniciação de pessoas homo e bissexuais, não-binárias e transexuais no Batuque Gaúcho, consideramos, dado o forte enraizamento de práticas machistas e homofóbicas no Rio Grande do Sul, os terreiros como lugares de lutas e resistências, dentre outras questões, acolhendo os diferentes sujeitos e reservando-lhes um espaço de convívio sagrado.

Nesse sentido, Corrêa (2016, p. 236) afirma que na cosmovisão batuqueira as características físicas, sexuais, identitárias, dentre outras, dos batuqueiros sofrem fortes influências dos Orixás (divindades que são sexualizadas e possuem distintas relações – harmoniosas ou conflituosas – entre si) de modo que, dentre outras coisas, nessa afro-religião as sexualidades não são condenadas, pois “[...] é reconhecido um espaço em que é válido ser homossexual”. Para mais, Silveira (2020, p. 168) esclarece que a constituição biológica do ser humano recebe contribuição dos Orixás, “[...] ou seja, quando o ser humano é criado um Òrìsà contribui para completar o código do DNA dessa pessoa, que assim passa a estar diretamente relacionado à Ele”. Essa contribuição é o que o autor (2020) entende por “orixalidade” (componente do/a Orixá que é estruturante do sujeito batuqueiro). Portanto, as diversidades se mostram constitutivas da unidade cultural batuqueira (FAJARDO; BALDISSERA, 2021), uma vez que essa pressupõe interações de não-exclusão e de não-segregação entre os diferentes que se apresentam.

Conforme pontuamos, nas interações que acontecem nas (e através das) organizações/terreiros do Batuque Gaúcho, o conteúdo cultural, repleto de carga simbólica particular, circula, principalmente, por meio de processos de comunicação oral, em grande parte sob controle do dirigente (mas nem sempre, conforme demonstramos). É pela via da oralidade (com suas nuances, potências e fragilidades) que nessa tradição/afro-religião os conhecimentos se estruturam, mantêm e/ou transformam, suportados nas experiências e memórias dos dirigentes (principais reprodutores dessa tradição) e dos mais velhos. Nesse sentido, importa atentarmos para o fato de que, segundo Silveira (2020, p. 94), os pais/mães de santo “centralizam em si todo o poder religioso. Assim, o sacerdote de um terreiro gaúcho, além de responsável pelo templo, também tem a função de sacrificador, de iniciador, de oraculista e conselheiro”. Além disso, Corrêa (2016) ressalta que nas estruturas hierárquicas dos terreiros os mais velhos ocupam lugar de destaque, pois atuam como mantenedores da memória ancestral. Em síntese, para além do campo religioso, os/as pais/mães de santo possuem poder de influência sobre diversas questões da vida dos filiados (pessoas que são iniciadas) e portam ampla autonomia na gestão das organizações/terreiros – salvo os casos de possuírem o/a iniciador/a ainda vivo, pois, se assim for, lhe devem obediência ritual (CORRÊA, 2016), não se submetendo, necessariamente, à federações, apesar de existirem algumas.

Também ressaltarmos que essas organizações/terreiros são os principais espaços de interação dessa tradição/afro-religião, sendo manancial de modelos de cultura, de comunicação, de educação e de saúde próprios da comunidade batuqueira. “Assim o terreiro se inscreve como um axis mundi, um local que liga o mundo material ao mundo espiritual e também um imago mundi” (SILVEIRA, 2020, p. 91). E, mais, o terreiro não se delimita ao seu espaço físico, pois que se revela como campo inventivo “emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento de tempo/espaço” (RUFINO, 2019, p. 101). Complexificando a noção de terreiro para além do seu espaço físico (RUFINO, 2019; SILVEIRA, 2020), são exemplos de suas pluridimensionalidades as encruzilhadas, as praias, as matas, as cachoeiras, as ruas e, até mesmo, o corpo dos batuqueiros, pois que também é espaço de culto ao sagrado.

A este ponto, e partindo no pressuposto de que na comunidade batuqueira o “controle social exercido entre terreiros, no conjunto geral chamado povo-de-santo, se faz por redes informais de comunicação” (PRANDI, 2003, p. 31), importa observarmos que nessas redes informais a fofoca opera como relevante processo de comunicação organizacional nos dizeres sobre as organizações/terreiros, sendo, inclusive, reconhecida e até mesmo estimulada na cultura ágrafa (SILVA NETO, 2022). Esses processos comunicacionais, principalmente orais e informais, com frequência fazem circular sentidos que ocasionam desordens nas estruturas dos terreiros, escapando aos anseios dos dirigentes e fazendo com que recorram a mecanismos de vigilância e ação para a manutenção

das estruturas e do ordenado; isto é, para (re)afirmar a legitimidade dos modelos existentes em perspectiva de manter as posições hierárquicas e estabilizar a significação elementar, uma vez que o poder, nessas relações, é constantemente disputado. Dessa forma, no comunicacional batuqueiro, a oralidade também é medular quando das necessidades de enfatizar quem são os autorizados a falar (com poder para tal) e quem são os que devem ocupar os lugares de escuta e atenção (inclusive para aprender sobre esse poder).

## ■ O COMUNICACIONAL NAS ORGANIZAÇÕES/TERREIROS BATUQUEIROS

Desde aqui, por entendermos os terreiros como organizações (observando sempre suas especificidades em relação ao sagrado), de modo sucinto, é preciso destacarmos que as organizações são constituídas, segundo Uribe (2007), por meio de interações e intenções dos sujeitos, concebendo uma ordenação social com objetivos definidos, compartilhados, e passível de gestão. Além disso, consideramos as organizações/terreiros como sistemas vivos (BALDISSERA, 2009), sendo conformadas por meio das suas relações com o entorno (outros sistemas e subsistemas, tais como o religioso, o social, o cultural, o político, o econômico e o ambiental) e das interações que os batuqueiros atualizam com elas/nelas e entre si. Assim, o comunicacional nos terreiros, na qualidade de comunicação organizacional, é compreendido como “processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (BALDISSERA, 2008b, 169), de modo a não limitar-se ao organizado ou às falas autorizadas.

As interações próprias do Batuque Gaúcho, conforme Corrêa (2016, p. 66), permitem, dentre outras coisas, que os batuqueiros se comuniquem “mutuamente através de certos símbolos (do campo da linguagem falada ou objetos), que passam despercebidos ou revelam-se totalmente desconhecidos [...]” para quem não compõe a comunidade batuqueira. Nos processos do comunicacional batuqueiro, para além da oralidade, são acionados gestos, símbolos, danças e posturas próprias dessa cultura, materialidades essas que complexificam as expressividades e restringem as possibilidades de os não iniciados acessarem os sentidos em circulação. Dentre outras, essas contenções e, mesmo, interdições ao acesso à significação estabilizada, ao simbólico, não são simplesmente atualizadas em perspectiva do ato comunicacional em si. Antes, atualizam o pressuposto da cultura organizacional desses terreiros (organizações batuqueiras) que exige a distinção entre os sujeitos que estabelecem alguma relação com essas organizações. Isto é, a cultura dessas organizações/terreiros foi tecida mediante interações entre batuqueiros de

modo a instituir domínios e territórios com restrições de acesso, pois, dentre outras coisas, estar nesses territórios, ocupar esses lugares, também significa dotação de poder.

Cabe observarmos que a complexidade dessa trama é constituída e legitimada pelo sagrado que outorga o direito de falar - situação dos ritos de axé de fala (SILVA NETO, 2022; FAJARDO; BALDISSERA, 2022), mantendo e reforçando o simbólico estabilizado e, também, garantindo aberturas para o devir, pois que nessas organizações/terreiros, o comunicacional orienta-se pelos princípios sagrados e dinâmicos de Bará e Exu (Orixás que regem toda comunicação/interação), os quais têm significação aberta e metamorfoseada, garantindo espaços de realização para o inédito, o inusitado, a transformação. Assim, compreendemos o comunicacional batuqueiro como todos os processos que se materializam nas/pelas organizações/terreiros (FAJARDO; BALDISSERA, 2021), sendo “responsáveis por conformar, manter e/ou transformar significações que não impactam somente essas organizações, mas também refletem, positiva e negativamente, na comunidade batuqueira como um todo” (FAJARDO; BALDISSERA, 2022, p. 141).

Posto isso, para avançarmos, considerando essas particularidades do comunicacional batuqueiro, também acionamos pressupostos da pragmática da comunicação humana que afirmam que o comportamento (além do que é verbalizado), em situações de presença (quando há dois ou mais sujeitos em interação), é compreendido como comunicação. Segundo Watzlawick, Beavin e Jackson (2007, p. 44): “não existe um não-comportamento, ou, ainda em termos mais simples, um indivíduo não pode não se comportar”, e todo comportamento em presença, para além dos gestos e das expressões verbais, produz sentido e deve ser compreendido como sendo comunicação. Portanto, conforme os autores (2007, p. 46), a comunicação é “um complexo fluído e multifacetado de numerosos modos de comportamentos”.

A potência comunicacional do corpo nas comunidade-terreiros é ressaltada por Sodré (2019, p. 129) quando afirma que nelas “o corpo encontra sua totalidade [...] ao se integrar no simbolismo coletivo na forma de gestos, posturas, direções de olhar, mas também de signos e inflexões microcorporais”. De modo particular, em relação às interações do Batuque Gaúcho, Corrêa (2016, p. 116) enfatiza:

Os cumprimentos rituais são elementos que frisam os papéis e posições sociais, humanos e divinos, de todos os envolvidos. Suas nuances e modalidades identificam, assim, quem é quem nestes dois planos, quem manda, quem obedece, reforçando os princípios de autoridade e hierarquia que compõem a estrutura do grupo.

Nesse sentido, notamos que o corpo, em diferentes comportamentos, performatiza a oralidade e facilita a integração dos batuqueiros, tecendo a identidade batuqueira (CORRÊA, 2016). Nesse contexto, os processos comunicacionais são centrais tanto para fazer circular as orientações de como se portar e estar nessas organizações, para instituir um determinado

simbólico e reafirmar sua legitimidade sagrada, quanto para os processos de subjetivação e constituição identitária.

Complementarmente, ressaltamos que nas relações do Batuque Gaúcho, de acordo com Corrêa (2016, p. 80-81), os dirigentes são “revestidos de uma autoridade que se funda no componente sagrado”, sendo que as personalidades de maior prestígio possuem “alto grau de inteligência, além de bons conhecimentos no terreno da psicologia empírica”. Entretanto, essa autoridade, que se assenta no campo do sagrado, também se reveste de poder simbólico (BOURDIEU, 1989), pois, dentre outras coisas, os sujeitos batuqueiros que ocupam os altos postos, como os/as pais/mães de santo, são instituídos de amplo poder por que “sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 89). Essa epistemologia da comunicação no campo sagrado sustenta-se no fato de que, na cosmovisão batuqueira (CORRÊA, 2016), a palavra falada é verbo atuante (LOPES; SIMAS, 2021) e tem poder de encantamento e potência de realização (SODRÉ, 2017). Contudo, isso não significa dizer que nessas organizações o poder, mesmo o hierárquico, seja estável. Antes, as relações entre os batuqueiros e entre as organizações/terreiros atualizam variados níveis de disputas e desejos de distinção, como veremos adiante, após a apresentação dos procedimentos de coleta e de análise dos dados empíricos.

## ■ SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados empíricos, conforme anunciamos, partem da pesquisa empreendida por Silva Neto (2022). Segundo o autor, foram realizadas entrevistas com sete pais/mãe de santo, virtualmente, em novembro de 2021, sendo esses sujeitos dirigentes de organizações/terreiros localizadas em Porto Alegre/RS e na sua região metropolitana. Atentando para a diversidade da comunidade batuqueira, participaram do estudo pais/mães de santo negros, não-negros, heterossexuais e LGBTI+, com idades entre 36 e 64 anos e que são iniciados no Batuque Gaúcho há mais de 15/20 anos. Pelo fato de essa tradição/afro-religião se conformar em amálgama, para que os saberes de um lado não se sobressaíssem aos demais conhecimentos da comunidade batuqueira, foram selecionados praticantes das nações de Jêje, Ijexá, Oyó e Cabinda (e suas conjugações). Seguindo diretrizes éticas, a identidade dos participantes é mantida em sigilo; assim, esclarecemos que E01 equivale a Entrevista 01, conforme codificação dos dados empíricos.

Os relatos obtidos, após serem degravados, foram interpretados segundo os procedimentos

da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). À essa luz, os dados foram sistematizados por similaridades temáticas e pelo agrupamento de sequências de texto (ST). Apresentamos a seguir, sob a percepção dos participantes, a categoria Oralidade no processo instituidor de poder, formulada a partir de dois núcleos de sentidos: 1) Oralidade na instauração e preservação das hierarquias (estabelece quem pode, e sob quais condições, ocupar o lugar de falar e determina quem deve escutar); e 2) Oralidade como fala que aciona silêncio e exige observação atenta.

## ORALIDADE NO PROCESSO INSTITUIDOR DE PODER HIERÁRQUICO

Conforme destacamos, nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho a oralidade é central para a conformação das relações de poder. Nesse âmbito, a partir dos dados empíricos, analisamos seu acionamento e agência em perspectiva de instituir e preservar hierarquias, assim como processo que gera silenciamento, exige escuta, observação e atenção. Para essa discussão, também destacaremos excertos das entrevistas realizadas por Silva Neto (2022), conforme apresentamos.

### Oralidade na instauração e preservação das hierarquias

Nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho as hierarquias são basilares, seja por orientar as relações conforme as nações/lados, seja por orientar, vigiar e manter as relações entre os batuqueiros, seguindo preceitos, liturgias e legitimações. Assim, somente a alguns é outorgado o direito de fala. Dentre outros, esse direito é adquirido: a) pelo tempo de iniciação e prática na tradição/afro-religião; b) a partir da materialização de comportamento apropriado segundo os preceitos da cultura batuqueira e das especificidades da cultura de cada organização/terreiro; c) em determinados casos, pela manifestação pública do Orixá; d) pelo reconhecimento e aprovação dos hierarquicamente superiores (pais/mães de santo); e e) mediante plena passagem por processos rituais, sempre que for o caso.

Dessa maneira, a oralidade também é acionada para (re)estruturar relações de poder, uma vez que em determinados processos/ritos, o comunicacional é acionado por pais/mães de santo para instituir, no sentido de comunicar e fazer reconhecer (BOURDIEU, 2008), como fala autorizada, quem está apto a falar, conforme podemos depreender do seguinte excerto de entrevista:

A oralidade estabelece essa hierarquia que tem no terreiro. Hierarquia de quem fala e quem escuta, porque quem fala é quem tem um poder. Quem escuta é aquele que

quer aprender este poder. (E01)

Percebemos, aqui, que o poder dos/as pais/mães de santo não se assenta, unicamente, naquilo que sua fala faz circular, pois que sua autoridade é instituída e legitimada por outros aspectos e processos, conforme apresentamos. Assim, o poder de fala compreende três principais exercícios de poder: 1) de orientar, em sentido religioso/tradicionista, a comunidade batuqueira a partir do sagrado e da cultura do terreiro (repleta de segredos); 2) de (re)afirmar as hierarquias e estabelecer juízos (inclusive ao reconhecer e legitimar a fala de outros batuqueiros); e 3) de gerenciamento do terreiro (conforme E07). A partir disso, podemos afirmar a oralidade como um dos componentes constituidores e de certa estabilização da hierarquia organizacional, dentre outras coisas, fazendo conhecer e reconhecer as posições que cada batuqueiro pode e deve ocupar nos terreiros.

Em certos momentos, é claro, como em uma empresa, uma fábrica, alguém tem que dizer o que é certo e como tem que ser. O gerente é dono dentro da fábrica, o

Babalorixá é dono da casa. (E07)

Os excertos destacados evidenciam o entrelaçamento da oralidade nas relações de poder, sublinhando, nesse campo afro-religioso, o amplo poder do/a pai/mãe de santo sobre o terreiro. O cargo de dirigente é um habitus específico (BOURDIEU, 1996), que é adquirido com a ampla experiência na tradição, a partir do cumprimento de diversos rituais. Esse habitus (estado incorporado) é, segundo Bourdieu (1989, p. 83), a um só tempo, estruturado/estruturante “de uma aquisição histórica que permite a apropriação do adquirido histórico”. O comportamento dos dirigentes (seu dever de ser), então, é incorporado individualmente, por meio da obtenção de um cabedal de conhecimentos, mas é instituído socialmente/ritualmente, exigindo o reconhecimento desse estatuto pelos componentes da comunidade batuqueira, principalmente o reconhecimento das demais lideranças. E isso é condição para que se exerça como poder, conforme podemos inferir a partir dos seguintes excertos de entrevistas:

Naquela casa o rei ou a rainha é o pai ou mãe de santo. Quem fala, quem ensina, quem diz o que é e o que não é, é o pai ou mãe de santo da casa. (E01)

Se eu ver uma pessoa com uma delogum [guia imperial], que tenha uma série de fios de contas com cores diferentes divididas por búzios, eu sei que aquela pessoa é Babalorixá. (E03)

É um indivíduo que manda na casa dele pelo que ele acha que tem que ser feito. (E07)

Como mencionamos anteriormente, para além dos dirigentes, na hierarquia dos terreiros é reservado aos mais velhos lugares autorizados para falar, em virtude da senioridade no axé (amplo tempo de iniciação e vivência no Batuque Gaúcho). Segundo os relatos dos participantes:

Para aprender de fato é somente com um mais velho, que vai passar no bom e velho diálogo o seu conhecimento [...] de acordo com o que cada iniciado tem vocacionalidade. (E03)

Quando acontece um óbito dentro da tradicionalidade, convocamos as pessoas que já têm tempo de tradição e nível de obrigação para compartilharem daquele momento e aprenderem também a executar as suas funções naquela ritualística. (E03)

Existe uma hierarquia. Ser mais velho no axé, às vezes mesmo que tu não tenha tanta idade, a pessoa é mais velha no axé, então é isso, o mais velho é posto, um dos princípios fundamentais de matriz africana é o respeito aos mais velhos. Quanto mais velho, está mais próximo ao Orixá. O mais velho é autoridade [...]. (E04)

Diante desses excertos, fica nítido que os lugares para poder falar são determinados, também, pelo tempo em que alguns sujeitos se relacionam com a organização/terreiro, pois a vivência qualifica, com base nos conteúdos que foram/são acessados, o conhecimento amplo dessas pessoas sobre a tradição. Além disso, notamos, no que foi dito na E03, que o privilégio de acesso aos segredos do Batuque Gaúcho, o respeito adquirido e a possibilidade de participação em ritos específicos são proveitos (mas também atribuições) que estão imbricados ao alto nível de iniciação.

Diante do exposto, e conforme sinalizado a partir de diferentes afirmações de entrevistados sobre quem pode falar e quem deve escutar, nesses terreiros as hierarquias, pela oralidade, também geram silenciamentos ao tempo em que exigem observação e atenção, conforme veremos a seguir.

### Oralidade como fala que aciona silêncio e exige observação atenta

Partindo do pressuposto de que o direito de falar e de ser escutado, nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho, conforme apresentamos, é adquirido ao longo do tempo e sob determinados preceitos, temos que a fala autorizada para orientar a comunidade batuqueira, aquela que deve ser ouvida e seguida e, de modo particular, a que se materializa nos processos rituais, também exige dos demais batuqueiros o comportamento que manifesta atenção, observação e, nessa perspectiva, cerceia suas expressividades orais. Assim, as pessoas iniciadas, em diversos momentos rituais, se comportam em silêncio (pontuamos que este silêncio não é somente manifestação de passividade e nem é negativo, pois que é valorizado) perante o/a pai/

mãe de santo em razão de estarem em grau iniciático inferior, cabendo-lhes ocupar os lugares de observadores atentos, conforme podemos depreender dos excertos a seguir:

Na cultura Iorubá, por exemplo, uma pessoa com menos de 25 anos de idade não pode se pronunciar em praça pública. Ela é entendida como uma pessoa que não tem experiência de vida suficiente para emitir qualquer coisa que seja relevante para aquela comunidade. [...] O jovem, ele é entendido como afoito, tem até um provérbio Iorubá que diz que o jovem é como um rio, se não for controlado ele destrói as pontes. (E01)

Tu tem que saber o momento da fala e o momento da escuta, e, com certeza, o momento da escuta é duas vezes maior do que o da fala. (E01)

Então eu absorvi muito foi escutando, literalmente escutando e observando tudo. Porque nem tudo é comunicado na oralidade tradicional, com palavras. (E03)

A gente ouve, ouve e observa, e com o tempo, devagarinho, todas as respostas vêm. (E04)

Esses excertos evidenciam o comportamento prescrito pela cultura batuqueira para os filiados nas interações que se materializam nos terreiros até que, caso seja a sua vocacionalidade, realizem a passagem para serem pais/mães de santo, após adquirirem os conhecimentos necessários para ocupar esse importante posto. O comportamento de observador atento, de escuta, oportuniza que o batuqueiro acesse sentidos que a linguagem verbal apenas movimentava parcialmente ou não movimentava, pois permite apreender interações não-verbais, de diferentes potências expressivas, realizadas pelas pessoas que ocupam os altos postos na hierarquia organizacional dos terreiros. Dessa forma, consegue ampliar seu repertório, aprofundar seus conhecimentos e aceder saberes profundos, entranhados na cultura batuqueira abrigada no sagrado. Não por acaso, o silenciar a fala, o observar com atenção, a escuta dedicada e a paciente espera são qualidades muito valorizadas na cultura do Batuque Gaúcho, sendo particularmente observadas e avaliadas pelos dirigentes.

Essas performances da comunicação não-verbal, com suas complexidades e modos de comportamentos multifacetados (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007), demandam extrema atenção por parte dos filiados, conforme relatam E02 e E04 ao mencionarem a prática de “conversar com os olhos” nos terreiros:

No tempo da minha mãe, tu dançava na roda do batuque e tinha que estar se olhando nos olhos, tinha que entender o que estávamos conversando através dos olhos. (E02)

Mas para a gente que é de terreiro, um olhar é muito expressivo, ele fala, nossos olhos falam. Os olhos são as janelas da alma, eles contam muita coisa para a gente. (E04)

Assim, podemos inferir que o silenciar a voz significa ampliar a ressonância de outras manifestações expressivas, isto é, trata-se de potencializar a presença (aumentar o volume, a intensidade, a visibilidade) de sentidos movimentados de outras formas, como pelo olhar. Trata-se de potencializar a atenção para a comunicação cinésica dos/as pais/mães de santo. Nessa direção, os filiados, além de cumprirem suas funções operacionais (seu dever de ser) nas realizações rituais, devem, constantemente, observar atentamente o que seu/sua pai/mãe de santo diz e/ou demonstra por sinais e comportamentos (comunicação não-verbal), até os quase inexpressivos. Ressaltamos que as possibilidades interpretativas da significação movimentada pelas diversas formas de se comportar/comunicar nas organizações/terreiros derivam das constantes interações face a face dos/as pais/mães de santo com os filiados. Cabe pontuarmos, também, que as corporeidades, integrantes do simbolismo coletivo (SODRÉ, 2019), em performances da oralidade no comunicacional batuqueiro, configuram-se como engrenagens nas relações de poder, demonstrando, por/em diversos comportamentos, quem manda e quem obedece.

Ademais, percebemos que permeiam essas interações certos códigos de uma conduta litúrgica (BOURDIEU, 2008), componentes de uma linguagem autorizada, na qual as significações postas em circulação (seja nos gestos, nas palavras, nos olhares, nos comportamentos etc.), se, por um lado, possibilitam a manifestação do discurso (verbal ou não-verbal), por outro, atuam (re)estruturando e/ou mantendo a hierarquia do poder falar e do dever de observar e escutar atentamente. Compreendemos que essas maneiras particulares de interação entre os batuqueiros são possibilitadas a partir do que Bourdieu (2008, p. 95) compreende como “magia performativa”, na qual “a eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, [...] sujeitando-se a tal eficácia”.

Nessa perspectiva, é importante sublinharmos que de modo algum, e apesar de todos esses mecanismos de vigilância, isso quer dizer que os filiados permaneçam, de maneira inexorável e a todo tempo, em silêncio (seja nos ritos e/ou em demais ocasiões) nas organizações/terreiros, uma vez que o poder é, sob diferentes intenções e relações, disputado nesses espaços, o que tende a gerar desordem e exige o reordenamento nas estruturas hierárquicas. A partir dos relatos dos entrevistados podemos inferir que nos principais momentos interacionais (os de cunho religioso, cultural, ritual), o poder falar é, quase que exclusivamente, de gozo do dirigente da organização/terreiro, pois que é portador de um “cetro/skeptron” que ratifica seu papel de “locutor que [...] comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima” (BOURDIEU, 2008, p. 87). Além disso, conforme destacamos, nas estruturas hierárquicas dessas organizações/terreiros, os iniciados mais velhos também têm seu direito e

poder de fala garantidos pela filosofia afro-centrada que qualifica a senioridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas encruzilhadas percorridas neste estudo sobre a oralidade do comunicacional batuqueiro na instituição de poder nas organizações/terreiros, percebemos que, segundo os/as entrevistados/as, na comunidade batuqueira há modos de interações e comportamentos próprios que se materializam, principalmente nas realizações dos seus ritos, para (re)estruturar a hierarquia organizacional, utilizando de diversos mecanismos de manutenção e vigilância do poder. Assim, a complexidade da oralidade no Batuque Gaúcho revela emaranhados processos e intenções. Em perspectiva das relações de poder, destacamos que: a) deter o poder de fala significa ter sido outorgado desse poder não apenas pelos humanos, mas também pelo sagrado. Portanto, trata-se de fala legítima que deve ser escutada e seguida; b) falar significa, em si, deter esse poder e, com isso, estar em lugar hierárquico superior. A mesma fala diz desse poder, reafirma a estrutura hierárquica, e outorga poder a outros batuqueiros, quando é o caso; e c) falar também significa o poder de silenciar as expressividades verbais dos demais batuqueiros, pois que deve ser reconhecida como fala sábia uma vez que seu amálgama é da experiência com o sagrado. Nessa perspectiva, exige terreno fértil para transformar, florescer e frutificar.

Assim, pela oralidade se anuncia quem pode ocupar quais espaços, quem pode estar nos lugares de dizer (pais/mães de santo e/ou mais velhos) ao tempo que, pelo seu avesso, também se determina quem ainda não tem direito a tal distinção e, portanto, quem deve se comportar em silêncio, em observação atenta (os filiados que se submetem a esse modelo de poder-mágico, principalmente porque querem apreender sobre a gestão e agência dele). Essa escuta atenta não se constitui em simples estratégia de exercício de poder hierárquico, senão que também é estratégia de continuidade da tradição/afro-religião, e de acesso às entranhas da cultura batuqueira. Isto é, à medida que nem tudo pode ser verbalizado, que os corpos fazem circular muitos sentidos e através deles se acessa o sagrado, o silêncio passa a ser a forma para ampliar a atenção ao cinésico, às outras formas de dizer. O silêncio da expressividade verbal faz com que a comunidade batuqueira se conecte aos corpos com poder e legitimidade hierárquica e sagrada de fala.

Portanto, o silêncio é, ao mesmo tempo: a) manifestação positiva de respeito e obediência aos que ocupam posições hierárquicas mais elevadas (incluindo os que têm mais tempo de

iniciação); b) exigência hierárquica das lideranças da organização/terreiro; c) critério de avaliação e valorização dos filiados; e d) procedimento que permite ao batuqueiro ampliar seu repertório e aprofundar seus conhecimentos, o que se traduz potência para que ocupe espaços de poder (desejo de mudança de estatuto). Assim, antes de o batuqueiro ser autorizado a ocupar os lugares de poder falar com o poder-mágico das palavras, deve se silenciar por muito tempo até aprenda e incorpore os saberes batuqueiros para, então, ritualmente ser instituído e reconhecido como portador de tal autoridade.

A oralidade, conforme destacamos, também gera muitas perturbações na significação existente, o que muitas vezes se traduz em disputas e impactos diretos sobre as organizações/terreiros; e isso exige um fechar-se, olhar para si e (re)ordenar-se. Essas desordens, geralmente ocasionadas pela potência da oralidade em criar deturpações, lacunas e/ou ruídos, em casos mais extremos, produzem questionamentos em relação às autoridades nos terreiros, exigindo ações para reestabelecer o ordenado e gerar nova estabilização das hierarquias dessas organizações, aqui compreendidas como sistemas vivos (BALDISSERA, 2009). Por fim, ressaltamos o fato de que em uma cultura fundamentalmente oral, ser autorizado a falar é estar em situação de poder. E, também, sublinhamos a potência da oralidade para, por um lado, gerar crises e, por outro, regenerar a comunidade batuqueira (assim como Exu, Orixá comunicador que promove o caos para reordenar e explicar o mundo).

## REFERÊNCIAS

BALDISSERA, Rudimar. Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2004.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação Organizacional: uma reflexão possível a partir do Paradigma da Complexidade. In: OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; SOARES, Ana Thereza Nogueira (org.). Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações. São Caetano do Sul - SP: Difusão, 2008b, p. 149- 177.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação, organizações e comunidade: disputas e interdependências no (re)tecer as culturas. In: III Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, 2009, São Paulo. Anais Abrapcorp 2009. São Paulo: Abrapcorp, 2009. Disponível em: <https://www.abrapcorp2.org.br/anais2009/r.html>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CORRÊA, Norton. O Batuque do Rio Grande do Sul - antropologia de uma religião afroriograndense. São Luís: Editora Cultura & Arte, 2016.

DE BEM, Daniel Francisco. Caminhos do axé: a transnacionalização afro-religiosa para os países platinos a partir do terreiro de Mãe Chola do Ogum, de Santana do Livramento-RS. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10248>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FAJARDO, Sérgio Gabriel; BALDISSERA, Rudimar. O comunicacional batuqueiro: interface entre conceitos da comunicação organizacional e da cultura. In: MARTINS, Ana Taís; FREITAS, Camila (org.). Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, 304 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220212>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FAJARDO, Sérgio Gabriel; BALDISSERA, Rudimar. Comunicação, cultura e oralidade no Batuque Gaúcho: reflexões teóricas sobre o rito de axé de fala como processo comunicacional batuqueiro. Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa, v. 20, n. 45, p. 127–144, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/21122>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. Filosofias africanas: uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

ORO, Ari Pedro. Negros e brancos nas religiões afro-brasileiros no Rio Grande do Sul. Comunicações do ISER, Rio de Janeiro, ano 7, n. 28, p. 33-54, 1988. Disponível em: <https://www.iser.org.br/publicacao/comunicacoes/28/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. Revista Civitas (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 15-34, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/108>. Acesso em: 15 mar. 2023.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA NETO, Sérgio Gabriel Fajardo. Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho: a oralidade no comunicacional batuqueiro. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e

Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/235387>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul. São Paulo: Arole Cultural, 2020.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.

TADVALD, Marcelo. Notas históricas e antropológicas sobre o Batuque do Rio Grande do Sul. Relegens Thréskeia estudos e pesquisas em religião, Curitiba, v. 5, n. 01, p. 46-59, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/45867>. Acesso em: 15 mar. 2023.

URIBE, Pablo Múnera. La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva. Medellín: Editorial comunicación. 2009.

WATZLAVICK, Paul; BEAVIN Janet Helmick; JACKSON, Don. D. Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cutriz, 2007.

## NOTAS

- 1 Alguns pesquisadores da temática compreendem o Batuque Gaúcho como uma afro-religião (ORO, 1988; CORRÊA, 2016, dentre outros), enquanto outros, por sua vez, o denominam como tradição (SILVEIRA, 2020). Não sendo nosso anseio definir essa questão, empregamos ambos os termos neste estudo, porque, apesar de possuírem significados diferentes, mas também semelhantes, consideramos fértil, principalmente pelos aspectos dialógicos e pela pluralidade dessa comunidade, manter as duas orientações presentes.
- 2 O Rio Grande do Sul, conforme os últimos recenseamentos do IBGE, desponta como o estado no qual há maior número de sujeitos que se declaram afro-religiosos. Ramificando-se para além do estado gaúcho, o Batuque também é praticado em outros estados e países, como no Uruguai e na Argentina. Para saber sobre os processos de transnacionalização dessa tradição/afro-religião na América Platina, indicamos o estudo realizado por De Bem (2007).
- 3 Oro (1988) já apontou que, há décadas, pessoas brancas e/ou não-negras (a maioria descendentes diretos de colonos alemães e italianos) eram dirigentes de organizações/terreiros de Batuque Gaúcho. Além disso, conforme Corrêa (2016), as mulheres assumem proporção de 2 por 1 em relação aos dirigentes homens. Ademais, essa tradição/afro-religião oportuniza que pessoas LGBTI+ assumam altos postos, pois, como apontamos, na cosmovisão batuqueira as sexualidades/identidades estão entrelaçadas, também, às características dos Orixás.
- 4 O rito de axé de fala, uma das cerimônias mais importantes na tradição/afro-religião batuqueira, é ritual que institui o direito do Orixá, quando manifestado, poder falar com os sujeitos e Orixás. O poder falar só é instituído após muitos anos de manifestação do Orixá em silêncio e da sua submissão, após ampla observação do/a pai/mãe de santo, à realização de provações consideradas sobre-humanas que o legitimam como manifestação sagrada.
- 5 Segundo Lopes e Simas (2021, p. 42-44), nas filosofias africanas, “a transmissão oral do conhecimento é o veículo do poder e da força das palavras [...]”, principalmente porque “o Verbo é a palavra enquanto sopro animado e que anima aquilo que expressa”.